Qualis A1
Arte | Educação | Filosofia | História |
Interdisciplinar | Linguística | Literatura

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

Dossiê Linguagens Urbanas: olhares e diálogos nos territórios das cidades

A FLÂNEUSE E A VITRINE: NARRATIVAS URBANAS E O CAMINHAR COTIDIANO DAS MULHERES PELA CIDADE

THE FLÂNEUSE AND THE WINDOW: URBAN NARRATIVES AND WOMEN'S DAILY WALKING THROUGH THE CITY

LA FLÂNEUSE Y LA VENTANA: NARRACIONES URBANAS Y EL CAMINO COTIDIANO DE LAS MUJERES POR LA CIUDAD

Luísa Horn de Castro Silveira
Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Porto Alegre, RS/Brasil

Simone Mainieri Paulon
Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Porto Alegre, RS/Brasil

Resumo

Este artigo propõe uma discussão sobre a experiência das mulheres em movimento pelo espaço urbano, articulando a função subjetivante dessas caminhadas à produção de narrativas femininas sobre a cidade. A partir da imagem da flâneuse, em diálogo com as vitrines, a investigação, sustentada no método cartográfico, utilizou-se da literatura e outras expressões artísticas para desenvolver análises sobre a resistência à dominação masculina no espaço urbano, o medo, o consumo, o corpo e a sexualidade, sob uma perspectiva decolonial. Ao final, salientamos os múltiplos potenciais transgressores dos movimentos das mulheres pela cidade, trazendo a arte como possibilidade de reforçar e fazer durar as marcas deixadas por elas no espaço urbano.

Palavras-chave: Gênero. Urbanismo. Literatura.

Abstract

This article proposes a discussion about the experience of women walking through urban spaces, articulating the subjectivating function of these walks and the production of narratives about the city through feminine perceptions. Drawing on the symbolic image of the flâneuse, in dialogue with the shop windows, the investigation, based on the cartographic method, relies on literature and other artistic expressions to develop analyses on the resistance to male domination in the urban space, fear, consumption, body and sexuality, from a decolonial perspective. In the end, we emphasize the multiple transgressive potentials of women's movements through the city, presenting art as a possibility to reinforce and sustain the marks they leave in urban spaces.

HORN DE CASTRO SILVEIRA, Luísa; MAINIERI PAULON, Simone. A FLÂNEUSE E A VITRINE: NARRATIVAS URBANAS E O CAMINHAR COTIDIANO DAS MULHERES PELA CIDADE. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, V. 66, N. 66, p. 1-21, Outubro, 2025.
Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br

REVISTA DA FUNDARTE

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

Keywords: Gender. Urbanism. Literature.

Resumen

Este artículo propone una discusión sobre la experiencia de las mujeres en su desplazamiento por el espacio urbano, vinculando la función subjetivadora de estos paseos con la producción de narrativas femeninas sobre la ciudad. A partir de la imagen de la flâneuse, en diálogo con los escaparates, la investigación, con el apoyo del método cartográfico, empleó la literatura y otras expresiones artísticas para desarrollar análisis de la resistencia a la dominación masculina en el espacio urbano, el miedo, el consumo, el cuerpo y la sexualidad, desde una perspectiva decolonial. Finalmente, destacamos los múltiples potenciales transgresores de los movimientos de mujeres en la ciudad, utilizando el arte como una posibilidad para reforzar y sostener las huellas que dejan en el espacio urbano.

Palabras clave: Género. Urbanismo. Literatura.

Introdução: corpo, cidade e subjetividade

> Em determinado ponto da investigação tive a sensação de estar sendo perseguida por vitrines, encontrava repetidas vezes essa palavra em minhas leituras. Passei a me perguntar o que ela representava. Cotidianamente passo por inúmeras vitrines na avenida perto de minha casa, de lojas de todo o tipo: roupas, utensílios domésticos, decoração, bazares, ferragem, farmácias. Tento me perceber na relação com esses vidros lotados de bugigangas. Eu, que tenho como característica um andar acelerado, mesmo quando não estou com pressa, faço um esforço para ir mais devagar e descubro nas vitrines uma âncora para amenizar um estranho desconforto em andar pela rua de forma relaxada. Nossos corpos acumulam múltiplas camadas de aprendizados nem sempre conscientes, pois não é preciso um processo racional para que o corpo responda aos enunciados que nos cercam. A vitrine convida a puxar um pouco o freio, ela está ali exatamente para nos fazer parar - uma armadilha do consumo, obviamente, mas podemos subverter as armadilhas que a cidade prepara para nós. Tento ver a vitrine como uma amiga, aliada do exercício de flanância. Vejo meu rosto refletido no vidro, testemunha da presença feminina na cidade e a afirmação de que estamos, sim, do lado de fora. É bom se reconhecer. (Trecho de diário de campo)

Este artigo apresenta parte dos resultados de uma pesquisa de doutorado em Psicologia Social, cujo objetivo foi investigar a produção de subjetividades a partir das caminhadas cotidianas das mulheres pela cidade. Um dos passos iniciais da investigação consistia em buscar pistas sobre as experiências de diferentes mulheres andando pelas ruas, acompanhada da seguinte questão: quais forças atravessam seus corpos e como eles são permeados por essas forças? Ao

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

percorrer a cidade, a pesquisadora-doutoranda, atenta às próprias experiências e observando outras mulheres em seus trajetos, encontrou na arte e na literatura um precioso guia dessas caminhadas, principalmente a partir dos estudos das escritoras Lauren Elkin (2022) e Saidiya Hartman (2022). O caminhar pela cidade se consolidou não só como objeto de pesquisa, mas também como ferramenta privilegiada da investigação, que se sustentou no método cartográfico (KASTRUP, 2007; ROMERO; ZAMORA, 2016) e ocorreu na cidade de Porto Alegre entre 2022 e 2024.

Uma das análises que derivam dessa pesquisa é sobre quais cidades são narradas, desde a perspectiva das mulheres. As cidades são produzidas a partir do olhar dos sujeitos que nela circulam, ao mesmo tempo em que os sujeitos também se constituem pelo contato com a cidade. Nesse processo, a arte, em suas múltiplas linguagens, é uma importante ferramenta de produção de narrativas e subjetivação de corpos, pois provoca afetações para além da assimilação racional da realidade. Pensar o papel dessas afetações na constituição dos sujeitos convoca à compreensão do mundo pela ascensão à superfície, à pele, recusando o paradigma moderno-positivista que defende a formação dos indivíduos pela via da consolidação de uma identidade mediada e organizada pelo pensamento (DELEUZE, 1974). Na perspectiva que acompanha esse estudo, a produção de subjetividade não é dominada pela razão e pelo intelecto, ao contrário, o corpo toma uma dimensão muito mais ampla e fundamental nesse processo. Tornar-se sujeito é um constante movimento feito por fluxos em contato com o exterior (CASSIANO; FURLAN, 2013).

Junto com Manuela Zamora e Maria Helena Romero (2016), afirmamos que os espaços públicos, pela sua característica de abertura e dispersão, introduzem variações nos processos subjetivos, na medida que nosso corpo é afetado por um campo heterogêneo de forças. Estar na rua provoca perturbações no nível das sensações, pré-linguísticos, atualizando constantemente as marcas que nos constituem, em um processo de subjetivação sempre contínuo. A vivência na cidade também é permeada por muitos automatismos, rotas e gestos que se repetem diariamente, produzindo e alterando nossos corpos, como trilhas que se desenham em um solo onde muito se pisa. Algumas dessas fissuras se abrem de rompante, causando uma desestabilização nos nossos esquemas prévios, mas

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

grande parte delas vai sendo penetrada com o tempo e com a repetição de certos atos, estímulos, contatos e reações.

Sem dúvida, a vivência de cada corpo é singular e depende de infinitas variáveis, mas a forma como as cidades são construídas e organizadas faz com que elas sejam elemento ativo não só da composição das subjetividades, mas de afirmação de modelos de sociedade. Assim, cabe pensar como os corpos das mulheres, em sua diversidade, são marcados ao andarem pela cidade. A rua está repleta de "máquinas enunciadoras" (GUATTARI, 1992, p. 158) que produzem e reproduzem performances de gênero, de forma que determinados modos de ser mulher também se desenham a partir da experiência urbana. Segundo Leslie Kern (2021), o poder masculino se materializa no espaço quando limita os movimentos das mulheres e restringe sua capacidade de acessar determinados lugares: "nossas cidades são patriarcados escritos na pedra, no tijolo, no vidro e no concreto" (DARKE, 1996, apud KERN, 2021, p. 29).

"Onde estão as *flâneuses* na cidade?" é a pergunta que dá título ao livro de Lauren Elkin (2022) e que move a discussão aqui apresentada. *Flâneuse* é a palavra feminina para *Flâneur*, um símbolo literário da modernidade. Do verbo "flanar", que significa algo como "andar a esmo", a palavra francesa surge na primeira metade do século 19, para designar alguém que vaga pela cidade, perambulando pelas ruas e "absorvendo o espetáculo urbano" (ELKIN, 2022, p. 13) do crescimento das grandes metrópoles em plena transformação. Para a autora, o *flâneur* representa o "privilégio e o ócio masculino, com tempo, dinheiro e nenhuma responsabilidade imediata que demande sua atenção" (ELKIN, 2022, p. 13), o que instiga a provocação: mulheres também podem ser *flâneuses*? Ao longo do livro, Elkin entende que sim e se dedica a buscá-las nas ruas e na ficção.

Partindo da imagem da *flâneuse*, o presente artigo propõe uma discussão sobre a experiência das mulheres andando pelo espaço urbano, para pensar a função subjetivante dessas caminhadas e como elas se articulam à produção de narrativas femininas sobre a cidade. Tendo em vista que o corpo que caminha toca, se envolve e se acopla com uma variedade de objetos presentes no espaço, a vitrine entra em diálogo com a *flâneuse*, representando uma parte do mobiliário urbano que instiga reflexões sobre as representações e discursos que permeiam as caminhadas das mulheres pelas ruas.

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

Defendemos um modo de falar de "mulheres" não universalizante, reconhecendo que as experiências variam a depender da sobreposição de marcadores sociais como raça, etnia, classe social, expressão de gênero e orientação sexual, entre outros. As análises foram feitas sob uma perspectiva decolonial, com o cuidado ético-político de não tomar as vivências das mulheres brancas cisgênero como régua padrão. Para tanto, priorizamos autoras negras na fundamentação teórica e afinamos nossas ferramentas teórico-conceituais sob o prisma da interseccionalildade, de modo a colocar sempre as implicações de duas pesquisadoras brancas, pós-graduadas, que circulam em espaços muito restritos de uma capital do sul do país, em análise.

Ao assumir o rico potencial da literatura de criar imaginários e dar contorno às experiências sinestésicas evocadas pelo espaço (MACEDO; LEITÃO, 2023), as análises são disparadas por fragmentos literários que descrevem experiências femininas de transitar pela cidade, mas também se nutrem de outras expressões artísticas, como o cinema e o audiovisual, a poesia, a fotografia e o pixo. Os temas abordados na discussão envolvem a resistência à dominação masculina materializada nos espaços urbanos, o medo, o consumo, o corpo e a sexualidade. Ao final, salientamos os múltiplos potenciais transgressores dos movimentos das mulheres pela cidade, trazendo a arte como possibilidade de reforçar e fazer durar as marcas deixadas pelas mulheres no espaço urbano.

Quais caminhos se abrem com a passagem das mulheres pela cidade?

Conforme Lauren Elkin (2022), as ruas de Paris do século 18, de certa forma, "pertenciam às mulheres" (p. 25) de classe média e baixa, com destaque para aquelas que trabalhavam no comércio. Era comum sentarem juntas em frente às casas, conversando e observando os passantes. Já as mulheres da "alta classe" ficavam mais restritas ao espaço doméstico, até que, mais para o fim do século 19, o surgimento das lojas de departamento contribuiu para tornar mais comum a presença de mulheres também das classes mais altas no espaço público, em cidades como Londres, Paris e Nova Iorque. Como vemos reforçado em diversos filmes e novelas produzidos há décadas, existe uma construção discursiva que leva ao entendimento de que o lugar da mulher, quando fora de

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

casa, é fazendo compras, uma forma de socialização muito presente para as mulheres, em especial as de maior poder aquisitivo.

Fazendo uma associação com as observações de Leslie Kern (2021), os principais filmes adolescentes das décadas 1980 e 1990 reproduzem a noção de que o espaço principal de encontro das meninas é dentro do próprio quarto ou em *shoppings*, com pouquíssimas cenas em que personagens femininas aparecem em espaços públicos, momentos em que geralmente estão acompanhadas de meninos. A realidade do planejamento urbano, segundo a autora, não foge à mesma lógica machista, já que quando são pensados ambientes voltados para a juventude, constroem-se espaços que têm em mente meninos como usuários, como pistas de skate e quadras esportivas.

Raça e gênero se cruzam para cercear e regular a circulação das mulheres nos espaços da cidade. Conforme Lélia Gonzalez (2020), a partir dos anos 50, ao lado da crescente urbanização, as mulheres negras foram perdendo seu lugar na classe operária, em decorrência da modernização e ampliação de diferentes setores industriais que levaram ao fechamento de muitas fábricas da indústria têxtil. O processo de seleção racial se faz presente com a nítida vantagem que mulheres brancas ou de pele clara têm para serem contratadas nos setores primários, como a indústria de roupas e alimentos. A ascensão da classe média, em conjunto com essa falta de perspectivas profissionais, faz com que as mulheres negras se voltem para a prestação de serviços domésticos. A autora enfatiza que essa situação possibilitou, e ainda possibilita, o avanço na emancipação econômica e cultural das mulheres brancas, que passam, assim, a ampliar suas esferas de acesso e pertencimento no tecido social - ao passo que as mulheres negras sofrem um duplo processo de exclusão, principalmente para acessar locais que representem símbolos de poder ou status social.

A partir do trabalho de Elkin (2022) podemos pensar nas possibilidades de flanância feminina, levando em conta todos esses entraves. Uma das dificuldades levantadas é que a invisibilidade e o anonimato seriam uma das características fundamentais para o *flâneur*, condição inviável para as mulheres, que são alvo dos olhares masculinos ao andarem pelas ruas. No entanto, Daniela Stoll (2020) problematiza essa afirmação ao lembrar que certos grupos de mulheres são, sim, invisibilizados nas ruas. Mulheres idosas, fora dos padrões, e, em especial, as que

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

vivem em situação de rua, são exemplos de mulheres que conseguem passar "despercebidas". Como é a experiência dessas mulheres em suas caminhadas? O que elas têm a nos dizer sobre a cidade? É importante destacar novamente que caminhar pelas ruas não é uma experiência homogênea para todas as mulheres. Ao contrário, existem inúmeras variáveis que se cruzam para que o contato com a rua deixe marcas distintas nos corpos de cada uma. Interessa, mais do que traduzir individualmente essas marcas, pensar em como o espaço urbano fica marcado pela passagem desses corpos. De que formas tais passagens abrem novos caminhos para outras mulheres? Como seus pés escrevem novas narrativas sobre a cidade e sobre o que é ser mulher em uma sociedade patriarcal?

Algumas escritoras da elite europeia, como Virgínia Woolf, são conhecidas por trazerem em seus escritos o ímpeto de percorrer a cidade, resistindo ao enclausuramento da vida doméstica que lhes era fortemente imposto. Na época de Woolf, as mulheres que circulavam mais pelas ruas, mulheres negras, proletárias, etc, não podiam se dedicar a escrever. Quantas formas de narrar a cidade se perderam? A obra de Carolina Maria de Jesus (2014), por exemplo, pode ser considerada a narrativa de uma *flâneuse*.

> Eu não sei andar a noite. A fusão das luzes desviam-me do roteiro. Preciso ir perguntando. Eu gosto da noite só para contemplar as estrelas sintilantes, ler e escrever. Durante a noite há mais silencio. Cheguei na rua Asdrubal Nascimento, o guarda mandou-me esperar. [...] As oito e meia da noite eu já estava na favela respirando o odor dos excrementos que mescla com o barro podre. Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo. (JESUS, 2014, p. 36-37).

Sua passagem pela cidade escancara dores, expõe injustiças sociais e nos conta sobre transformações urbanas que não constam na história oficial. Em cidades projetadas para atender às necessidades do capital e desenhadas para o uso de um "sujeito médio", aqueles que não correspondem a esse padrão precisam encontrar estratégias e modos singulares de andar pelas ruas. Como suas passadas abrem caminhos alternativos no desenho da cidade? Nas fotografias de Diego Bresani (Figura 1), na série que retrata os trajetos formados pelos passos de quem anda a pé na cidade de Brasília - cujo desenho é pensado

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

preponderantemente para o trânsito de automóveis -, a passagem contínua dos pedestres provoca marcas. Que outras marcas encontramos pela cidade, que anunciam transgressões ao modelo de cidade imposto pelo patriarcado?



Figura 1. Fotografia de Diego Bresani, de Brasília, parte da série que retrata o que ele chama de "linhas de desejo". Obtida de: https://www.bbc.com/portuguese/brasil-64038880

O que vemos refletido na vitrine?

Em seus estudos, Saidiya Hartman (2022) buscou avidamente registros que contassem histórias da vida no gueto estadunidense no período pós-abolição. Ela queria encontrar imagens que "representassem os experimentos de liberdade desenvolvidos na sombra da escravidão" (p. 37), especialmente aqueles realizados pelas meninas e jovens negras. No entanto, sua investigação foi frustrada pelos fatos históricos oficiais:

> As pesquisas e imagens históricas e sociológicas me desanimaram. Essas fotografias jamais compreenderam a bela luta pela sobrevivência, vislumbraram os modos alternativos de vida ou iluminaram a ajuda mútua e a riqueza comunal do gueto. Os retratos da reforma e as pesquisas sociológicas documentaram apenas a feiura. (HARTMAN, 2022, p. 39).

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

Assim, a escritora se dedicou a dar voz às mulheres encontradas nessas fotografias, imaginando e recriando suas histórias, de modo a reconhecer o potencial revolucionário dessas vidas comuns. Junto a essa autora, pensamos na grandiosidade dessas micro revoluções que são praticadas no dia-a-dia da cidade, e que muitas vezes são o veículo de transformações sociais maiores. As personagens retratadas no livro de Hartman narram vidas plenas de rebeldia e enfrentamento, num tom completamente oposto às histórias oficiais contadas sobre elas, pelo olhar dos sociólogos, agentes públicos, ou, dito de outro modo, pela visão do colonialismo patriarcal.

E quem narra os fatos das cidades? Como já dito anteriormente, nos estudos sobre cidade e subjetividade, a figura do *flâneur* simboliza aquele que se dedica a observar as dinâmicas das metrópoles, munido de uma percepção poética, reflexiva ou crítica sobre o que vê. O *flâneur* é uma invenção parisiense, mas também temos nossos representantes brasileiros. Um dos mais mencionados é João do Rio, carioca que nutria, em suas próprias palavras, uma paixão absoluta e exagerada pelas ruas do Rio de Janeiro. Em sua obra “A alma encantadora das ruas” (1908) ele descreve o exercício de flanar como “ser vagabundo e refletir”, “perambular com inteligência” (RIO, 1908, p. 5).

Ao avançar as páginas de seu livro, começa a ficar cada vez mais evidente o ponto de partida do olhar de João do Rio sobre a cidade. Ele tem a visão do burguês, branco e intelectual com boa situação econômica, que percebe os “diferentes” - os pobres - como quem vê no “outro” uma criatura exótica. Ainda que sua escrita, de modo geral, tenha um tom irônico e de deboche, não há Como negar que suas descrições são plenas de estereótipos e preconceitos. O autor, que ficou conhecido por contar a “história das minorias”, ao falar de mulheres (as que aparecem em suas descrições, em sua maioria, são pobres, em situação de rua ou em privação de liberdade), abandona grande parte do seu romantismo, proferindo sentenças que podem ser consideradas racistas e misóginas.

> Do fundo desse emaranhamento de vício, de malandragem, gatunice, as mulheres realmente miseráveis são em muito maior número que se pensa [...]Andam por aí ulceradas, sujas, desgrenhadas, com as faces intumescidas e as bocas arrebentadas pelos socos, corridas a varadas dos quiosques, vaiadas pela garotada [...] Às vezes, para cúmulo de desgraça,

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

> aparecem grávidas, sem saber como, à mercê da horda de vagabundos que as viola, que as tortura, que as bate, sem lhes conceder ao menos a piedade do nojo [...]. (RIO, 1908, p. 128).

O autor faz exatamente o que fazem os homens criticados por Hartman, aqueles detentores do poder de contar os fatos: narram a vida dessas mulheres apenas sob a perspectiva da feiura. Em um capítulo intitulado “As mariposas do luxo”, ele descreve a cena de trabalhadoras que passam em frente às vitrines de lojas. Em duplas ou em grupos, as mulheres que vão passando pelas vitrines no final do dia, segundo ele, “embriagadas” pela tentação dos objetos que não podem possuir e são descritas como “pobrezinhas”. Em contrapartida, encontramos em Hartman (2022) outra versão dessa cena: duas jovens negras conversam em frente a uma vitrine, com seus rostos refletidos pelo vidro, em meio aos objetos brilhantes e caros. Uma delas aponta um sapato masculino e diz ser esse o tipo de sapato que ela compraria para “o seu homem”, comentário que as faz cair na gargalhada. A brincadeira é sobre o tipo de homem que a atrai (astuto, malandro). “Cada uma delas imaginou o tipo de homem que usaria aqueles sapatos e o tipo de mulher que era preciso ser ou se tornar para andar ao lado dele. Não seria uma garota tímida ou caseira, mas uma mulher tão esperta e perigosa quanto ele” (HARTMAN, 2022, p. 100).

Na cena contada pela autora, a vitrine não tem a mesma importância sem o reflexo de seus rostos, em composição com os produtos à venda. Objetos cobiçados, sim, mas adornando fantasias e desejos de liberdade, de brincar inventando novas versões de si mesmas. Muito diferente da descrição de João do Rio, que percebe apenas a falta, a impossibilidade, Hartman apresenta a vitrine como ferramenta de estimular sonhos. Segundo ela, a vitrine interrompe a caminhada e captura olhares para dizer “garota, você está joia [...] esse casaco puído não engana ninguém” (HARTMAN, 2022, p. 99). Talvez lhes faltem os enfeites glamourosos que o dinheiro poderia comprar, mas não lhes falta brilho, pois em seus corpos há desejo, há potência inventiva. Quem percebe esse desejo puramente como cobiça, enxerga apenas corpos esvaziados.

Lauren Elkin (2022) defende que é necessária uma redefinição do conceito de flanar, de modo a não enquadrar as mulheres no modo masculino de observar e sentir a cidade. Elkin traz um contundente exemplo de um olhar masculino sobre a

REVISTA DA FUNDARTE

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

mulher andando na cidade, retirado de um trecho escrito por Ernest Hemingway em suas flanagens por Paris. Ao avistar uma bela moça sozinha em um café, ele afirma: “vi você, belezura, e agora você pertence a mim, pensei eu, seja lá quem você esteja esperando, e mesmo que eu nunca mais te veja. Você pertence a mim e toda a Paris pertence a mim e eu pertenço a esse caderno e esse lápis” (HEMINGWAY apud ELKIN, 2022, p. 71). A autora ironiza o ar de superioridade do escritor, dizendo que se avistasse um rapaz bonito em um café dificilmente sentiria que ele lhe pertence. Muito diferente de Hemingway, o que lhe ocorria, em suas flanâncias por Paris, não era um sentimento de posse, mas de pertença. *Flâneuses* e *flâneurs* têm em comum o amor pela rua, mas esse amor se manifesta de formas opostas: mais uma situação em que vemos homens confundirem amor com posse, exercitando a conquista em seu aspecto mais colonial-patriarcal.

Mas há outras diferenças no modo de andar: em que lugares podemos ver mulheres andando sozinhas de forma despreocupada e desocupada, assim como fazem os *flâneurs*? Elkin (2022) dá uma boa pista através de uma personagem literária[1], criada pela escritora Jean Rhys, chamada Julia:

> Ao vaguear pelas ruas, olhar as vitrines, sem ir a nenhum lugar específico, Julia se sente ‘serena e pacífica’ [...] A tragédia dos romances de Rhys e da vida das mulheres ali descritas é que lhes é negado o direito de ficarem calmamente sozinhas do lado de fora: não é assim que a máquina funciona. (ELKIN, 2022, p. 79-80).

A vitrine, então, surge, nos olhares femininos das autoras aqui evocados, como um elemento que permite desacelerar e descontrair o andar. Mas por que andamos tão depressa e hipervigilantes? Sem desconsiderar aspectos do ritmo frenético contemporâneo, o medo incutido pelas experiências de assédio é certamente um dos elementos que impede uma caminhada despreocupada para as mulheres. Em uma pesquisa realizada com 2.285 mulheres brasileiras de 14 a 24 anos, 94% delas refere já ter sido assediada verbalmente e a palavra “rua” é a mais mencionada nas entrevistas quando se pergunta sobre como a violência de gênero é vivenciada no dia a dia (INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO, 2015).

1 Personagem da obra "After living Mr. Mackenzie", publicada em 1931.

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

A violência sexual no espaço público está intimamente ligada à ideia de que as mulheres pertencem ao espaço doméstico. Historicamente, os locais de compra foram propositalmente pensados para representar ambientes seguros para mulheres, em contraposição aos riscos da rua - em especial as mulheres brancas ocidentais (KERN, 2021). Conforme Joice Berth (2023) “enquanto a mulher branca é o bem material que pertence ao homem branco como garantia, extensão e continuidade de suas posses, a mulher negra é o próprio objeto usado para formação e manutenção dessas posses” (p. 185-186). A narrativa construída é essa: dentro da organização patriarcal, a cidade nos relega à posição de consumidoras (só podemos ficar andando por aí se o objetivo for fazer compras) e de objetos de consumo (corpos disponíveis à mercê de da posse masculina).

O que pode o corpo das mulheres em movimento pelas ruas?

Encontramos na palavra francesa “*trottoir*” uma instigante duplicidade: seu significado original é “calçada” ou “passeio”, mas virou uma expressão conhecida, inclusive no Brasil, para designar o andar das prostitutas na cidade. Para muitas, a figura da prostituta representa a imagem da qual devemos nos distanciar, a fim de não sermos violentadas. Entre flanar e trottoir, as mulheres moldam seus corpos, num fino equilíbrio entre se libertar e se arriscar. As práticas discursivas que envolvem a sexualidade têm amplo papel na constituição dos corpos femininos e muitas delas operam durante o ato de caminhar pelas ruas.

O corpo é um constructo materializado através da reiteração forçada de determinadas normas (BUTLER, 1999). No entanto, a própria necessidade de reiteração é o sinal de que essa moldagem nunca está completa, pois os corpos não são fixos, nem se conformam totalmente às forças hegemônicas, ou seja, os processos de subjetivação são constantes e contínuos. Leslie Kern (2021) descreve que, por meio da repetição, os “hábitos se condensam e moldam o corpo” (p. 225). Ao andar pela rua, estamos constantemente reforçando um conjunto de hábitos: postura, movimentos, gestos, expressões faciais vão reagindo em interlocução com os mais variados estímulos externos. A ideia de “condensação” é interessante, pois remete a algo que “engrossa”, mas sem necessariamente se solidificar de modo permanente. Todos esses acúmulos

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

corporais compõem modos de estar no mundo e nossos corpos também resistem de variadas formas à forças de dominação.

Luiz Antônio Simas (2021) aborda essa resistência através do símbolo da pombagira, entidade presente na cosmogonia banto, das culturas centro-africanas. As pombagiras representam o encontro entre o poder das ruas e o espírito de mulheres que "viveram a rua de diversas maneiras [...] e expressaram a energia vital através de uma sensualidade aflorada e livre" (SIMAS, 2021, p. 22). Algumas leituras, de viés cristão e moralista, associam as pombagiras à prostituição e também a um estigma de insanidade ou descontrole. No entanto, segundo o autor, a pombagira se reconhece como dona dos próprios desejos e manifesta isso a partir de uma corporeidade indisciplinada: "a possibilidade de a mulher ser a senhora da sua sexualidade, controlando o corpo no aparente descontrole (para os padrões ocidentais), são demais para os nossos estreitos critérios normativos" (SIMAS, 2021, p. 23). O autor ainda salienta que a sociedade tem muito medo dessa junção da força das ruas com o poder da mulher que tem domínio sobre o próprio corpo.

Lauren Elkin (2022), uma das principais autoras que embasa a discussão desse artigo, é uma mulher branca nascida no subúrbio estadunidense que sempre encontrou na cidade grande um surpreendente conforto em estar na multidão. "Na hora em que colocava o pé fora de casa sentia-me realmente parte do mundo" (p. 38). Essa sensação é compartilhada por outras autoras que se debruçam sobre o tema das cidades: a multidão e o contato com a alteridade surge como um alívio ao enclausuramento feminino branco e de classes econômicas mais altas, como bem sintetiza Leslie Kern (2021): a época vitoriana fez ênfase tão exagerada no confinamento das mulheres na esfera privada, que tornou a cidade um local de desejo para essas mulheres, em especial as que não conseguiam se enquadrar nas normas estritas de gênero e que "rejeitam a conformidade suburbana segura e os ritmos rurais repetitivos" (KERN, 2021, p. 27). Ainda que as ruas pudessem ser fontes de hostilidade, também eram o lugar onde se tinha à disposição opções das quais nunca tinham ouvido falar em seus redutos mais próximos. Assim, andar pela cidade gera sentimentos mistos de "excitação e perigo, de liberdade e medo, de oportunidade e ameaça" (p. 25).

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

Ambas as autoras citadas no parágrafo acima resgatam exemplos da literatura para demonstrar as sensações de medo e prazer que se misturam no contato com a rua. Na literatura, Charlotte Brontë (KERN, 2021) descreve, a partir de sua personagem, um "prazer irracional" em estar no espaço público, ousando correr riscos - o que certamente não significa que as mulheres gostam de se sentir em perigo, mas que enfrentar o que as ameaça pode gerar satisfação. Virgínia Woolf (ELKIN, 2022), ao andar na rua, sente-se protegida pelo "manto do anonimato", sentindo conforto em perder-se de si mesma e mesclar-se com o todo. Dentro de casa, estamos cercadas de objetos de referência que insistem em lembrar quem somos, mas ao sair na rua nos lançamos ao desconhecido e, ao mesmo tempo, nos desconhecemos de nós mesmas. Essa liberdade experimentada pela escritora descreve bem o potencial da caminhada como abertura de porosidades, um contato com a exterioridade que chacoalha noções cristalizadas de quem somos. Andando pela cidade, as personagens de Woolf sentem que podem se expandir, se reinventar.

Vale, porém, o alerta antes problematizado, de que mulheres não brancas ou fora do padrão hegemônico podem não ter a mesma facilidade em se "mesclar na multidão", a depender de quais espaços públicos estejam acessando. O olhar de diferenciação lançado para as mulheres negras e a sexualização de seus corpos gera a necessidade de um duplo enfrentamento ao saírem pelas ruas. Mas, como contam as histórias de Saydia Hartman (2022), muitas vezes são as mulheres negras e de periferia que ousam desafiar ainda mais as convenções sociais de propriedade sexual, mesmo arcando com duras consequências, da hostilização à criminalização de seus atos.

Pensar sobre o prazer em andar pela rua mostra que é possível encontrar na retomada do próprio corpo e do próprio desejo uma via de emancipação. Há que se ter cautela ao abordar o tema da libertação sexual feminina, já que o movimento feminista foi, no passado, frequentemente reduzido a uma luta pela liberdade sexual das mulheres, ignorando a amplitude política das reivindicações por igualdade de gênero (hooks, 1989). Por isso, Audre Lorde (2021) nos convoca a não confundir o erótico com seu oposto, o pornográfico. Para ela, conceito de erótico é imensamente maior do que sua concepção sexual: é a "afirmação da força vital das mulheres; daquela energia criativa fortalecida, cujo conhecimento e

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

cuja aplicação agora reivindicamos em nossa linguagem, nossa história, nossa dança, nossos amores, nosso trabalho, nossas vidas" (LORDE, 2021, p. 70).

Onde estão as flaneuses?

O cinema, a literatura e a música apresentam, com frequência, a vida urbana contemporânea como uma grande máquina. Esse aspecto cinzento e robótico, que coloca a cada uma e cada um de nós como engrenagens, transmite o protagonismo da produtividade e do utilitarismo, instaurado a partir da modernidade. Simas (2021) inspira a seguirmos sempre atentas e à procura da "alma encantada" das ruas, da vida que ainda resta nesses espaços, para além de sua função de servir de passagem para corpos esvaziados de desejo. Olhar para as ruas em busca de flâneuses foi uma forma de lançar novos olhares para a cidade e perceber as marcas deixadas pelas mulheres no espaço público. A arte, quando presente na cidade, também realiza com maestria esse papel de reacender o encanto na banalidade cotidiana.

Marielen Baldissera (2019) comenta sobre intervenções urbanas com mensagens feministas encontradas nas ruas da cidade de Porto Alegre. Em sua pesquisa, registrou pichações[2] com palavras de ordem sobre temas como legalização do aborto, estupro, violência doméstica, sexualidade feminina, entre outros. A pesquisadora afirma que na arte urbana também há um domínio masculino, mas é perceptível o aumento crescente desses "gritos e sussurros" feministas pelos muros da cidade. Reitera, também, a relevância dos diferentes lugares sociais ocupados pelas mulheres que executam essas intervenções, já que os marcadores de raça, classe e escolaridade definem quem pode gozar de certa impunidade pelas ações, enquanto outras estão mais suscetíveis a reprimendas.

Uma das pichações comentadas por ela é a frase "seja barraqueira, seja heroína", encontrada em diferentes locais da cidade. "Barraqueira" é uma gíria usada para se referir às mulheres encrenqueiras, que batem boca publicamente ou, ainda, que se comportam de modo considerado vulgar e inadequado. As

2 Optamos pela grafia com CH, de acordo com a diferenciação descrita no artigo de Marielen Baldissera (2019), que explica que a palavra "pixo" designa uma estilística específica, enquanto "pichar" pode se referir de modo mais amplo a qualquer tipo de intervenção escrita no espaço público.

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

primeiras definições que encontramos para “fazer barraco”, em uma rápida busca pela internet, são: externar de forma pública problemas pessoais, brigar em praça pública e dar vexame. A palavra está fortemente associada ao gênero feminino e demonstra o quão vexatório é, para as mulheres, apresentar comportamentos agressivos publicamente. Quão desviante é externar e expor, na rua, nossas insatisfações, pois nossos problemas deveriam ficar restritos à intimidade doméstica. Para reivindicar espaço na cidade, portanto, não basta apenas estar nas ruas, pois também estão em jogo as formas de ocupar, as maneiras de usar o corpo e de performar, desobedecendo às normas sociais de clausura e silenciamento.

Não temos conhecimento das intenções da autora da frase “seja barraqueira, seja heroína”, mas parece uma referência à bandeira-poema de Hélio Oiticica, de 1968, em que ele escreve “seja marginal, seja herói”. Em plena ditadura militar, o artista trazia essa provocação sobre quem eram considerados os bandidos, dignos de mortes em que a polícia exercia sua força de forma espetacularizada, atribuindo a certos corpos o rótulo de escória da sociedade (MUSEU DE ARTE MODERNA DO RIO DE JANEIRO, 2021). Exaltar aqueles que a norma hegemônica tenta apagar ou demonizar é uma forma de perceber sua conduta como atos de transgressão.



Figura 2: Intervenção urbana encontrada nas ruas de Porto Alegre, “seja barraqueira, seja heroína”. Obtida de: https://www.scielo.br/j/ha/a/t9hd8vKNsVNfYpsr6VxGVfB/

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868



Figura 3: Bandeira-poema "seja marginal, seja herói", de Hélio Oiticica. Obtida de: https://mam.rio/obras-de-arte/por-que-homenagear-bandidos/

Considerações finais

Caminhar ao lado de mulheres, apoiada na literatura e outras manifestações artísticas, possibilitou uma investigação sobre o domínio masculino no espaço público, já que, historicamente, há uma imposição que restringe as mulheres ao espaço doméstico. O medo da rua e as experiências de assédio sexual representam uma das faces mais perversas dessa dominação, usando a violência de gênero para a manutenção desse lugar de exclusão das mulheres. A vitrine surge na investigação como símbolo de uma concessão dada às mulheres, na medida em que o próprio patriarcado cria espaços seguros para as mulheres, baseados no consumo, aprimorando técnicas de aprisionamento de seus corpos. No entanto, ao saírem de casa e ocuparem as ruas, mesmo que ainda cerceadas

REVISTA DA FUNDARTE

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

pelos signos e discursos que as excluem, as mulheres inventam diariamente formas de existir no espaço público.

Os corpos femininos acumulam camadas de proteção que geram efeitos subjetivos, mas os processos de resistência, na mesma intensidade, também alteram seus modos de ser e estar no mundo. Essa resistência, muitas vezes, se instaura ao recusarmos os adestramentos que tentam retirar das mulheres a potência erótica, o gozo por viver em sintonia com seus desejos. Para proliferar esses atos de resistência é preciso ampliar vozes contra hegemônicas produzindo deslocamentos e agenciando novos modos de subjetivação. As marcas que as mulheres deixam por onde caminham, das mais sutis às mais escancaradas, criam novas narrativas sobre a cidade e sobre o que é ser mulher ou o que pode uma mulher no espaço público.

A arte ajuda a entender a experiência humana e, quando presente nos espaços urbanos, transmite mensagens que transformam a experiência dos transeuntes, produzindo novas afetações. A arte se faz necessária para proliferar outras vozes e operar rachaduras na estrutura engessada do funcionamento urbano automático e mecanizado. Da mesma forma, colocar a experiência das mulheres como foco das ações de planejamento urbano lhes oferece a possibilidade de existir na cidade despidas dos escudos de proteção forjados para desviar das violências e, ainda, provoca transformações que beneficiam toda a sociedade. Que possamos ver a presença das mulheres refletida não apenas em vitrines, mas em muros, calçadas, fachadas, monumentos, praças e em todos os lugares.

Referências:

BALDISSERA, M. Barraqueiras e heroínas: escritos feministas nas ruas de Porto Alegre. **Horizontes Antropológicos**, v. 25, n. 55, p. 179–208, 2019. DOI: 10.1590/S0104-71832019000300007.

BERTH, J. **Se a cidade fosse nossa**: racismos, falocentrismos e opressões nas cidades. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

BUTLER, J. **Gender Trouble**: feminism and the subversion of identity. New York: Routledge, 1999.

REVISTA DA FUNDARTE

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

CASSIANO, M.; FURLAN, R. O processo de subjetivação segundo a esquizoanálise. **Psicologia & Sociedade**, v. 25, n. 2, p. 373-378, 2013.

DELEUZE, G. **Lógica do Sentido**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

ELKIN, L. **Flâneuse**: mulheres que caminham pela cidade em Paris, Nova York, Tóquio, Veneza e Londres. São Paulo: Fósforo, 2022.

GONZALEZ, L. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GUATTARI, F. **Caosmose**: um novo paradigma estético. São Paulo: Ed. 34, 1992.

HARTMAN, S. **Vidas rebeldes, belos experimentos**: histórias íntimas de meninas negras desordeiras, mulheres encrenqueiras e queers radicais. São Paulo: Fósforo, 2022.

hooks, b. **Talking back**: thinking feminist, thinking black. New York: Routledge, 1989.

KASTRUP, V. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. **Psicologia & Sociedade**, v. 19, n. 1, p. 15-22, 2007.

KERN, L. **Cidade feminista**: a luta por espaço em mundo desenhado por homens. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2021.

INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO. **#meninapodetudo** - como o machismo e a violência contra a mulher afetam a vida das jovens das classes C, D e E? Recuperado de: https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/dados-e-fontes/pesquisa/meninapodetudo-machismo-e-violencia-contra-a-mulher-enois-inteligencia-joveminstituto-vladimir-herzoginstituto-patricia-galvao-2015. Acesso em: 10 de janeiro de 2022.

LORDE, A. **Irmã Outsider**: ensaios e conferências. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

MAM - MUSEU DE ARTE MODERNA DO RIO DE JANEIRO. **Por que homenagear bandidos**. 2021. Recuperado de: https://mam.rio/obras-de-arte/por-que-homenagear-bandidos/.

MACEDO, T. dos S. V. G. de .; LEITÃO, L. The city inside me: the place of subjectivity in the urban space constitution. **Research, Society and Development**, v. 12, n. 3, 2023. DOI: 10.33448/rsd-v12i3.40401.

ROMERO, M. L. de; ZAMORA, M. H. Pesquisando cidade e subjetividade: corpos e errâncias de um flâneur-cartógrafo. **Psicologia em Estudo**, v. 21, n. 3, p. 451, 2016. DOI: 10.4025/psicolestud.v21i3.29787.

REVISTA DA FUNDARTE

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

RIO, J. do. **A alma encantadora das ruas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1908.

SIMAS, L. A. **O corpo encantado das ruas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

STOLL, D. S. A flânerie de uma andarilha urbana. **Revista Estudos Feministas**, v. 28, n. 1, 2020. DOI: 10.1590/1806-9584-2020v28n157230.

Recebido em: 26/02/2025.
Aceito em: 16/05/2025.
Editor responsável: Júlia Maria Hummes.

Luísa Horn de Castro Silveira
Bolsista Pós-doc na Universidade Federal de Sergipe (UFS). Doutora em Psicologia Social e Institucional pela UFRGS (2024). Mestra em Saúde Coletiva pela UFRGS (2018). Especialista em Saúde Mental pela Residência Integrada Multiprofissional em Saúde do HCPA (2016). Psicóloga graduada pela PUCRS (2011). Integrante do Programa de Extensão Clínica Feminista na Perspectiva Interseccional da UFRGS e do Coletivo Turba. Experiência em Saúde Mental Coletiva, Psicologia Social, Psicologia Clínica, Políticas de Saúde, Pesquisa em Saúde e Psicologia Hospitalar. Áreas de interesse: Psicologia Social; Saúde Mental Coletiva, Saúde Popular e Povos Tradicionais; Estudos Urbanos e Subjetividade; Raça, Gênero e Interseccionalidade; Métodos qualitativos de pesquisa.
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-6706-922X
E-mail: luisahsilveira@gmail.com

Simone Mainieri Paulon
Psicóloga (PUCRS), especialista em Psicologia Social (PUCRS), com mestrado em Educação (UFRGS), doutorado em Psicologia Clínica (PUC-SP) e estágio pos-doutoral no PPG de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) com período de professora visitante no Dipartimento di Psicologia,dellAlma Mater Studiorum, Università di Bologna (2018) e de pesquisadora visitante senior no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra pelo Programa Institucional de Internacionalização da Capes/PRINT-UFRGS (2023). Bolsista PQ2/Cnpq. É professora titular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na qual orienta trabalhos de pesquisa e extensão junto ao Departamento de Psicologia Social e Institucional, ao PPG de Psicologia Social, e coordena grupo INTERVIRES Pesquisa-Intervenção em Políticas Públicas, Saúde Mental e Cuidado em Rede. Coordenadora do Projeto de Extensão "Clínica Feminista Antirracista Interseccional" com a Clinica de Atendimento Psicológico da UFRGS, desde 2020. Compõe o Grupo de Trabalho "Políticas de Subjetivação e Invenção do Cotidiano" da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia (ANPEPP) e o GT de Saúde Mental da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO). Compõe o conselho Diretor da ONG Themis - Gênero, Justiça e Direitos Humanos. Atua como editora associada da área de saúde mental

REVISTA DA FUNDARTE

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

junto à Revista Interface Comunicação, Saúde e Educação. Tem experiência na área de Psicologia e Saúde Coletiva, com ênfase em Intervenção Terapêutica e Saúde Mental.
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-0387-1595
E-mail: simonepaulon@gmail.com



Creative Commons Não Comercial 4.0 Internacional de Revista da FUNDARTE está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Baseado no trabalho disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte. Podem estar disponíveis autorizações adicionais às concedidas no âmbito desta licença em https://seer.fundarte.rs.gov.br/